

DESSACRALIZAÇÃO DO COSMOS EM “DOM CASMURRO”, DE MACHADO DE ASSIS

Clodoaldo Sanches Fofano (UENF)

clodoaldosanches@yahoo.com.br

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

Raquel França Freitas (UENF)

raquelfreitas@hotmail.com

Sonia Maria da Fonseca Souza (UENF)

sonifon1@hotmail.com

Vyvian França Souza Gomes (UENF)

vyvi46@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva refletir sobre a dessacralização do cosmos em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, aliando a análise do romance a algumas noções de ciências das religiões, utilizando para isso a obra de Mircea Eliade (2008). Dessa forma, deseja-se confirmar que o romance, escrito e publicado no limiar do século XX, ao passo que abrange narrativamente grande parte do século XIX, aprofunda-se numa discussão que contextualiza o que Eliade chamou de “dessacralização do Cosmos”. Além disso, apreende-se como se manifesta a dualidade do sagrado e do profano no romance em estudo. É um trabalho metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica, por meio de fontes teóricas que embasam a busca de respostas sobre o tema abordado. Cabe destacar que qualquer desordem no cosmos é símbolo de desacralização; portanto, levantar críticas contra os costumes burgueses, que se consideram religiosos, influenciados por discurso devoção, contribui para Machado de Assis desorganizar o cosmos em “Dom Casmurro”.

Palavras-chave:

Cosmos. Dessacralização. Dom Casmurro. Machado de Assis.

1. Introdução

“Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas idéias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham

ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevisita que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.” (Machado de Assis, 2009, p. 1001)

Órfão aos dez anos, o menino mestiço do Morro do Livramento, Rio de Janeiro, estudou em escolas públicas e tratou de instruir-se por conta própria, interessando-se por leitura. Inteligente e esforçado, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) aproximou-se de intelectuais e de jornalistas, que lhe deram oportunidades. Aos dezesseis anos, empregou-se na tipografia de Paula Brito. Aos dezenove anos, já era colaborador assíduo de jornais e revistas cariocas: *Correio Mercantil*, *O Espelho*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Semana Ilustrada*, *Jornal das Famílias*. Em 1867, foi nomeado oficial da Secretaria de Agricultura. Ao mesmo tempo em que progredia no emprego, sua carreira de escritor tornava-se cada vez mais promissora. Casou-se aos trinta anos com a portuguesa Carolina Xavier de Novais.

O universo discursivo de Machado de Assis é marcado por influências do Discurso Religioso Católico, apesar do enunciador não ser devoto. O referido autor, perto de morrer, rejeitou a visita de um padre, que por certo desejava rezar pela alma dela. Mas, em contrapartida, foi um sacerdote católico que lhe ensinou latim quando era menino. Ainda assim, essa dedicação escolástica recebida não o impediu de ser um autor anticlerical, mesmo numa ocasião em que a religião Católica exercia grande poder de interferência sobre a vida das pessoas.

Isso também porque a Capital Federal sofria influenciadas das ideias de secularização vindas da Europa que, de certa maneira, intervínham na forma de crer e de pensar das pessoas. Do mesmo modo, o comportamento cético de Machado de Assis se manifestava porque boa parte do século XIX foi marcada pelo abandono do sagrado para desfrutar uma experiência nova e profana no mundo. É o que Eliade (2008), cientista das religiões, vai chamar de dessacralização¹ – uma tendência que se manifestou no contexto brasileiro. Nesse sentido, o cronista João do Rio (1976) ponderou:

¹ Cf. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 29.

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. (JOÃO DO RIO, 1976)

O leitor machadiano, em sua grande maioria, era religioso. Entretanto, pela descrição do cronista acima, percebe-se que o cristianismo já não era a única religião presente no Estado do Rio de Janeiro. Mesmo assim, o romance “Dom Casmurro” traz fortes marcas do catolicismo romano. Tal tendência se manifesta em cada parte do texto, e toda Formação Discursiva é construída recheada de costumes e práticas católicas romanas. O século XIX, no Brasil, representa um mundo permeado de valores religiosos. E, já que homem nenhum tem como evitar as influências ideológicas do Contexto Discursivo de que faz parte, o leitor machadiano se formou dentro de um cosmos sacralizado, mas, mesmo assim, “Dom Casmurro” é um romance que põe a religião em xeque.

Busca-se, nesta pesquisa, refletir sobre a dessacralização do cosmos em “Dom Casmurro”, por meio de uma visão analítica a fim de se responder à seguinte **questão-problema**: De que maneira Machado de Assis no romance “Dom Casmurro” dessacraliza o cosmos, em um período em que a igreja exercia forte influência no estilo de vida da sociedade carioca?

Essa análise traz consigo como **objetivo geral** refletir sobre a dessacralização do cosmos em “Dom Casmurro”. Já como objetivos específicos foi necessário: 1) Discutir a heterogeneidade do cosmos na obra machadiana, como autor cético que rejeitou a sacralidade de seu tempo. 2) Expor análises de trechos da obra, utilizando a dualidade, a fim de identificar como Machado de Assis combateu e atacou as influências do Discurso Religioso Católico de sua época e, assim, dessacralizar totalmente o cosmos.

A justificativa desta pesquisa evidencia-se na percepção da influência do Discurso Religioso em “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Autor anticlerical, mas que conhecia todos os ritos da igreja e, utilizou-os para criticar a burguesia da época que deixou de desfrutar de uma vida sagrada para desfrutar de uma nova experiência profana no mundo.

A metodologia utilizada para esta análise é a revisão bibliográfica, que se constitui do acervo bibliográfico científico de contribuições sobre

o determinado tema. De posse desse material, são estabelecidas considerações sobre suas ideias, articulando-as no que converge e no que diverge entre elas.

Duas seções compõem o desenvolvimento deste artigo. A primeira discute a heterogeneidade do cosmos em “Dom Casmurro”, demonstrando como Machado de Assis dessacraliza as práticas religiosas do seu tempo vivenciadas pela burguesia. Na seguinte seção, expõe análises de trechos da obra em que o referido autor utiliza-se da dualidade (mundo religioso x mundo dessacralizado) para criticar o comportamento da burguesia que preferia viver de aparências a enfrentar seus próprios problemas.

2. A heterogeneidade do cosmos na obra machadiana²

Quando se fala em cosmos, dentro de uma perspectiva eliadiana, entende-se que é um lugar que se origina a partir do seu centro, de um ponto central. O homem devoto sente a necessidade de existir sempre em um mundo total, organizado, centralizado, já que a criação do homem é uma representação da cosmogonia³. Tal concepção se torna uma realidade pelo fato de o primeiro homem ter sido criado no centro da terra, ou seja, no Paraíso. Esse símbolo cósmico é retomado nos santuários que são construídos para adoração a deuses. Assim sendo, de acordo com Eliade (2008, p. 29),

² A análise proposta neste artigo segue os postulados da Análise do Discurso de linha francesa, utilizando, para isso, o Contexto Histórico Discursivo como elemento para análise da obra em estudo. Essa prática se realiza aqui por intermédio da dualidade, que é característica da linguagem religiosa. Essa dualidade se manifesta estilisticamente mediante uma figura de linguagem intitulada antítese, que é a aproximação de palavras ou expressões de natureza opostas, ou seja, que possuem significados contrários. Desse modo, objetiva-se compreender os fios que tecem os discursos machadiano, a fim de se perceber a influência do Discurso Religioso Católico em *Dom Casmurro*, detendo-se nas análises dos Recortes Discursivos selecionados, que nem sempre seguem a ordem de construção do enredo da narrativa em estudo. Cabe destacar ainda que esses recortes são citados por meio de fragmentos dos capítulos que compõem *Dom Casmurro*.

³ Teoria adotada por todas as religiões para explicar a origem do universo, o surgimento do ser vindo do nada. Cf. SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 114.

[...] o “nosso mundo” é um Cosmos, qualquer ataque exterior ameaça transformá-lo em “Caos”. E dado que “nosso mundo” foi fundado pela imitação da obra exemplar dos deuses, a cosmogonia, os adversários que o atacam são equiparados aos inimigos dos deuses, os demônios, e sobretudo ao arquidemônio, o Dragão primordial vencido pelos deuses no início dos tempos. (ELIADE, 2008, p. 29)

Diante do supracitado, qualquer desordem no cosmos é símbolo de desacralização. Logo, criticar os costumes de uma burguesia, que se dizia religiosa, influenciada por discurso de piedade fez com que Machado de Assis desorganizasse o cosmos. O Bruxo do Cosme Velho soube, como ninguém, combater e atacar as influências do Discurso Religioso Católico de sua época e, assim, dessacralizar totalmente o cosmos. Isso foi possível porque só há dessacralização porque existe o sagrado.

O enunciador em sua vida rejeitou a sacralização de seu tempo, vivendo como homem não religioso, assumindo uma posição cética, apesar de leitor da Bíblia. Tal afirmação se justifica pelo fato de a existência profana não se encontrar em seu estado pleno. De acordo com Eliade (2008, p. 18), “Seja qual for o grau da dessacralização do imundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”.

No capítulo LXXX (2009, p. 127), Bentinho (o Sujeito Discursivo que narra de forma diegética⁴ “Dom Casmurro”) desmistifica a esfera religiosa quando relata a devoção da mãe, a falta que ela sentia dele quando estava se preparando para se tornar padre e de como conseguiu se livrar do seminário sem “descumprir” a promessa feita por ela. Sabendo disso, dirigiu-se ao interlocutor na tentativa de buscar aprovação de seus atos e declara: “Hás de ter tido conflitos parecidos com esse, se és religioso, haverás buscado alguma vez conciliar céu e terra [...]”.

Primeiramente, Bentinho, ao levantar essa possibilidade sobre o interlocutor (“se és religioso”), fê-la de maneira quase que desnecessária porque naquela época o leitor machadiano possuía uma religião. Ser

⁴ Narrador que conta as próprias experiências como personagem central delas. Em tal narrativa, o registro gramatical em 1ª pessoa se manifesta como consequência natural dessa coincidência narrador/protagonista. Cf. REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2000. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2013/05/10/o-texto-narrativo-reis-c-lobes-a-c-m-dicionario-denarratologia-coimbra-alm-edina-2000-adaptado-por-nilvia-pantaleoni/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

devoto do catolicismo romano representava *status* social para a burguesia, porque era a religião dominante e predominante daquele momento, com poder estatal. Frequentar outra casa de culto era quase caso de “polícia”, sinônimo de profanação. Assim, o enunciador de “Dom Casmurro” possuía um leitor implícito, já previsto na Formação Discursiva do romance em análise. Para o homem religioso existem dois espaços no cosmos. A respeito disso, Eliade (2008, p. 17) explicita:

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. (ELIADE, 2008, p. 17)

Por conseguinte, dessacralizar esse espaço, desfazendo da manifestação do sagrado é uma grande ofensa para o homem religioso; entretanto, Machado de Assis não se preocupou com esse fato ao construir todo o enredo do romance em análise. A heterogeneidade do cosmos em “Dom Casmurro” se apresenta de várias maneiras; portanto, vale destacar algumas ocorrências.

Uma passagem que intensificou a dessacralização do cosmos encontra-se no capítulo CXXXII (2009, p.183), onde o narrador protagonista sugere a possível traição da esposa. Bentinho não explicitou que ela tenha ocorrido, mas o tempo todo insinuou a consumação do ato, em especial, quando descreve a figura do “filho” Ezequiel, que estava crescendo e se parecendo muitíssimo com o amigo Escobar.

Não só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam-se apurando com o tempo. Eram como um debuxo primitivo que o artista vai enchendo e colorindo aos poucos, e a figura entra a ver, sorri, palpita, falar quase, até que a família pendura o quadro na parede, em memória do que foi e já não pode ser. Aqui pode ser e era.

Diante de tal suposição, que vai se repetindo de forma intensificada no decorrer da Formação Discursiva machadiana, o enunciador configura a construção do triângulo amoroso, que é uma das características da prosa realista, provocando grande escândalo para os leitores da época. Afinal, isso ocorre num período em que o casamento ainda representava uma união divina, não podendo ou não sendo comum apresentar qualquer possibilidade de traição por ser algo sacralizado; em especial por parte de uma mulher que, dentro daquele Contexto Discursivo, convivia com uma sociedade burguesa permeada de ideologias patriarcais, que se baseavam no Discurso Religioso Católico.

Na concepção de Eliade (2008, p. 81), “Seja qual for o contexto histórico em que se encontra, o *homo religiosus* acredita sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo que aqui se manifesta, santificando e o tornando real”. Por isso, então, o casamento ser dessacralizado em “Dom Casmurro”, provocando, por certo, reações negativas no público leitor.

E, para dessacralizar o comportamento da sociedade burguesa, que vivia de aparências, rompendo com os princípios religiosos que apregoavam uma vida de verdades, união familiar, humildade, etc., Machado de Assis, no final do romance, fez com que Capitu e Ezequiel fossem morar na Europa, longe de Bentinho que, por sua vez, não fez questão da presença dos familiares que tanto estimulou. O Sujeito Discursivo titular desse romance declara, no capítulo CXLI (2009, p. 193), que diversas vezes visitou a Europa e sequer os procurou.

Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isso mesmo, e enganar a opinião.

Como se apreende, essas viagens eram intencionais, simplesmente para manter as aparências. A indiferença com que Bentinho tratou a esposa e o filho, registrada nesse trecho, parece ser criada pelo literato propositalmente. Um amor que, após o casamento, durou pouco tempo, apagado por tempestades de ciúmes, desconfianças, decepções, etc. Logo, uma visão de amor contraditória ao que se pregava na ocasião no ceio de uma família burguesa, tornando-se então um sentimento infinito, porém enquanto durasse.

Com isso, percebe-se uma crítica do enunciador de “Dom Casmurro” ao comportamento da sociedade burguesa de seu tempo, que preferia viver de aparências a enfrentar seus próprios problemas. De acordo com o discurso machadiano, infere-se que o *ter* para a burguesia do Segundo Império estava muito acima do *ser*. Portanto, o literato se ficcionou seguindo características da estética realista na construção de sua narrativa, questionando os valores morais burgueses ao retratar as imperfeições humanas, deixando claro a fragilidade do caráter das personagens.

Para Eliade (2008, p. 52) “O comportamento religioso dos homens contribui para manter a santidade do mundo.”. O contrário também é uma realidade. É justamente o que acontece na forma de ser da

burguesia que colaborou também para dessacralizar o cosmos em “Dom Casmurro”.

3. *Mundo religioso x mundo dessacralizado*

O mundo religioso em *Dom Casmurro* é caracterizado por princípios ideológicos da fé católica. Tal evidência aparece em diversos episódios da narrativa, contribuindo para a construção do enredo da obra em análise. Entre os muitos trechos do romance marcados pela sacralidade, cabe salientar aqui alguns que registram essa característica.

Inicialmente, o momento em que o agregado José Dias elogia D. Glória por não ter desistido de fazer de Betinho padre. Em seguida, ratificou para ela os benefícios que se tinha na época o exercício do sacerdócio, até porque a igreja possuía frente ao Estado, prestígios, desfrutando certo poder governamental, fazendo dos seus sacerdotes participantes políticos, pessoas de destaque na sociedade. Sobre esse fato, afirma Bentinho no capítulo III (2009, p. 23):

Bem, uma vez que não perdeu a ideia de o fazer padre tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer aos desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o império [...].

Por meio do evento narrado, compreende-se que a promessa, como práxis da religião, é uma atividade assumida com responsabilidade, menos para Bentinho, que, pelo trecho citado, estava, com frequência, deixando de cumpri-la. Logo, apesar da irresponsabilidade presente no comportamento do narrador protagonista, o descumprimento das promessas produzia nele peso, sentimento de dívida, principalmente quando dependia de outro favor de Deus, que era algo constante.

Outrossim, vale destacar, no capítulo XXIX (2009, p. 57) – ocasião em que Bentinho estava passeando com José Dias. Durante o percurso, a personagem declara para o agregado que não quer se tornar padre e lhe pediu ajuda, disse que estudava até leis, se fosse o caso. Diante da aflição vivida pelo narrador, José Dias promete-lhe auxiliar. Em seguida, o agregado diz para Bentinho se apegar a Deus, pois Ele era dono de tudo.

– Pegue-se também com Deus, – com Deus e Virgem Santíssima, concluiu apontando para o céu. [...] – Deus fará o que o senhor quiser. – Não blasfeme, Deus é dono de tudo; Ele é, só por si, a terra e o céu, o

passado, o presente e o futuro. Peça-lhe a sua felicidade, que eu não faço outra coisa [...]

Com tal declaração do agregado, compreende-se como no mundo religioso constituído no universo discursivo machadiano as personagens acreditavam na soberania de Deus para realizar o desejo dos corações delas; mesmo levando em consideração o fato de José Dias utilizar essas palavras de conforto, trazendo segurança a Bentinho, com o intuito de aproveitar da situação para viajar. Apesar disso, infere-se que os princípios do Discurso Religioso Católico imperavam nas mentes das pessoas da época. Logo, tais trechos supracitados apenas reforçam a representação de uma realidade já existente.

Um novo trecho que segue a mesma tendência encontra-se no capítulo CIV (2009, p. 154). Bentinho, casado de pouco, fala da amizade da família dele com a de Escobar. E, em certo momento da narrativa, lastima com o amigo por não ter ainda um filho. Escobar, para justificar tal falta e acalmar o coração aflito do amigo, utiliza de vocábulos que fazem parte da Formação Discursiva religiosa: “– Homem, deixa lá. Deus os dará quando quiser, se não der nenhum é que os quer para si, e melhor será que fiquem no céu. – Uma criança, um filho é complemento natural da vida. – Virá se for necessário.”.

Como se percebe, de acordo com o Discurso Religioso Católico, tudo acontece debaixo da soberania de Deus, pois, assim foi com o nascimento do protagonista e, agora, com a dádiva de um filho. Essas palavras, de certa maneira, não foram facilmente compreendidas por Bentinho que tanto desejou ser pai, como se constata nesse momento da narrativa. Contudo, o discurso de Escobar parece antecipar os grandes conflitos que o casal Bento Santiago e Capitu viveriam mais adiante com o nascimento e crescimento do filho Ezequiel.

Em outra perspectiva, o mundo dessacralizado em *Dom Casmurro* é simulado também por uma atmosfera regida por princípios alicerçados no Discurso Religioso Católico. Os Sujeitos Discursivos do romance deixaram de seguir tais doutrinas por motivos pessoais diversos, transformando-se, assim, em mundo caótico, verdadeiro caos, um ambiente desorganizado. Na obra em estudo, encontram-se variados episódios em que tais características aparecem de forma latente, entretanto, sutil, contribuindo para a construção da trama.

Bentinho é a principal personagem dessacralizadora de “Dom Casmurro”, o narrador autodiegético, mesmo tendo passado pelo

seminário, nega a religião. Essa tendência se apresenta de maneira perspicaz, com ar de pureza e sacralidade, até porque a religião da burguesia dominadora e predominante na ocasião era de matriz cristã. Portanto, a dessacralização do cosmos acontece de maneira disfarçada, com aparência de sacralidade, por isso, somente um leitor atento é capaz de percebê-la.

Sendo assim, as características dessacralizadoras não aparecem nos trechos explicitamente. A classe burguesa que configura os Sujeitos Discursivos envolvidos na Formação Discursiva do romance em avaliação não poderia romper com tais princípios de forma declarada, por uma questão de *status* social. Entre os muitos episódios marcados pela dessacralidade, cabe destacar aqui alguns que registram essa tendência.

O primeiro trecho que merece destaque como símbolo de um mundo dessacralizado localiza-se logo no início da narrativa quando Bentinho justifica os motivos que o levaram a escrever o romance em análise. No capítulo II (2009, p. 21), o Sujeito Discursivo diz que deseja escrever um livro para variar, porque estava vivendo uma monotomia, apesar de desfrutar bem da vida.

Então, influenciado por personagens pintadas na parede da casa em que morava no Engenho Novo que representam figuras importantes da história antiga, numa espécie de necromancia, decide entre variadas temáticas e estilos vindos à mente, escrever um livro de memórias, já que as próprias imagens desenhadas não eram suficientes para reconstruir a história dele. Assim, nasce o livro “Dom Casmurro”, na concepção do narrador protagonista do romance:

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembro-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois pensei em fazer uma *História dos Subúrbios*, menos secas do que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árduo e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me os tempos idos, pegasse a pena e contasse alguns.

A partir dessa citação, observa-se inicialmente que Bentinho recebeu a orientação temática para a escrita do livro das personagens pintadas na parede da casa dele, de forma bem mística. Diante de tal ocorrência, compreende-se que essas imagens não representavam figuras religiosas, a quem se pudesse servir de instrumento de orientação transcendental para a confecção de algo na terra. Um bom religioso do

catolicismo da época diria que qualquer orientação que recebeu para construir um objeto viria do céu, especificamente de Deus, e não de figuras pintadas na parede, principalmente de Nero, que foi um imperador muito mau para os cristãos. Conta a historiografia que, certa vez, Nero, perseguindo os cristãos, fez de vários deles tochas humanas pregadas no jardim de casa. Por isso então, considera-se essa referência a primeira característica de um mundo dessacralizado.

Ainda, nessa mesma passagem, percebe-se depois do explicitado que provavelmente o motivo principal que levou Bentinho a compor tal obra não foi tão nobre como está registrado. Ele, por certo, vivia nesse momento alguns conflitos emocionais porque perdeu a esposa, a pessoa quem amou desde a infância com um sentimento puro, além do filho, que foi uma criança tão esperada para completar a alegria do lar.

Assim, diante de tantas crises emocionais, acredita-se que o narrador do livro de memórias escreveu-o para desabafar e, por seu turno, convencer o interlocutor de que o Sujeito Discursivo que narra esse romance não contribuiu para a construção dos finais trágicos na vida de Capitu e Ezequiel, também o fez para não sofrer com as perdas. A dessacralização nesse trecho se configura de forma implícita quando Bentinho não assume os verdadeiros motivos de escrever a narrativa, ao dizer que escreveu um livro contando as memórias dele porque não tinha nada para fazer.

Mais um trecho que merece destaque. Está no capítulo CVII (2009, p. 158), quando o narrador protagonista, Bento Santiago, descreve o estreitamento da amizade entre ele, Capitu e Escobar.

A verdade é que fiquei mais amigo de Capitu, se era possível, ela ainda mais meiga, o ar mais brando, as noites mais claras, e Deus mais Deus. E não foram propriamente as dez libras esterlinas que fizeram isto, nem o sentimento de economia que revelavam e que eu conhecia, mas as cautelas que Capitu empregou para o fim de descobrir-me um dia o cuidado de todos os dias. Escobar também se me fez mais apegado ao coração. As nossas visitas foram se tornando mais próximas, e as nossas conversas mais íntimas.

Assim, diante do que se lê, observa-se a intensificação da amizade entre Bentinho e Capitu. Essa construção dessacraliza o que pode se chamar de casamento fundamentado no Discurso Religioso Católico, ao sugerir uma provável traição, mas sem que isso seja explicitado com clareza no episódio supracitado; somente se compreende por meio de uma leitura atenta das entrelinhas desse trecho. O Sujeito Discursivo

titular desse excerto paulatinamente no percurso da narrativa constrói justificativas que sugerem o envolvimento amoroso entre Capitu e Escobar, sem que tal questão seja afirmada com exatidão, mas persuade discursivamente o leitor para inferir esse julgamento, claro, a favor do narrador.

4. Considerações finais

Alguns pesquisadores têm desprezado os estudos das formas religiosas, em especial do Discurso Religioso; contudo, tal discurso se manifesta em obras de diversos autores renomados da literatura brasileira provocando no público leitor reflexões profundas, dignas de serem discutidas academicamente. Assim sendo, compreender o fenômeno religioso, suas características e influências discursivas nas narrativas clássicas, faz parte dos interesses dos estudos literários.

Contrário ao mencionado anteriormente, chega-se até ouvir que Machado de Assis e religião não combinam, talvez porque o autor seja caracterizado como anticlerical e cético, em função da estética literária a que pertence e das influências dos pensamentos cientificistas que recebera vindos da Europa. Afinal, Machado nasceu e viveu toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro que, além de ter sido a Capital Federal, na ocasião, se tornou centro cultural em um período de grandes transformações sociais, econômicas e intelectuais.

O enunciatador Joaquim Maria Machado de Assis soube criar suas personagens em um romance completamente metalinguístico, apresentando como escritor qualidades peculiares, como por exemplo, a de desacralizador do cosmos. Para isso, abandonando o sagrado para desfrutar de uma experiência nova e profana no mundo. É justamente o que acontece na forma de ser da burguesia que colaborou também para desacralizar o cosmos em “Dom Casmurro”.

Pode-se dizer que o Realismo é a base para a produção machadiana; contudo tal alicerce, na verdade, é próprio e busca outros caminhos e características. Porém, deve-se levar em consideração que são personagens instigantes dentro da literatura brasileira. Pensando em casais nobres, Bentinho e Capitu, por certo, possuem lugar de destaque na vida de muitos leitores.

Dessa maneira, Bentinho, um burguês típico (orgulhoso, mimado, ciumento, inseguro, mas ao mesmo tempo confiante), quando escreve

suas memórias, em “Dom Casmurro”, declara que ele era a figura forte na relação amorosa, sempre confiou que para ficar junto da sua grande paixão era apenas uma questão de tempo e de alguns ajustes.

Diante do *corpus* analisado, compreendeu-se que, dentro de uma perspectiva eliadeana, cosmos é um lugar que se origina a partir de um ponto central. O homem devoto sente a necessidade de existir sempre em um mundo total, organizado, centralizado, já que a criação do homem é uma representação da cosmogonia. Assim, qualquer desordem no cosmos é símbolo de dessacralização. Logo, criticar os costumes de uma burguesia, que se dizia religiosa, influenciada por discurso de piedade fez com que Machado de Assis desorganizasse o cosmos. Isso foi possível porque só há dessacralização porque existe o sagrado.

Em relação ao contexto histórico discursivo, que compõe o cenário dessa desordem, depreende-se que as personagens machadianas foram criadas em mundo decadente e em eminente colapso, vegetando na mais triste hipocrisia. Igualmente, arrastava uma vida obscura, monótona, vulgar, prosaica, mesquinha e ciumenta, envenenada pelo tédio e ociosidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2009.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2000. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/2013/05/10/o-texto-narrativo-reis-c-lobes-a-c-m-dicionario-denarratologia-coimbra-almedina-2000-adaptado-por-nilvia-pantaleoni/>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

Referências Complementares

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2004.

BRUM, Fernando Machado. *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993. (Princípios).

_____. *Elementos de Análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GARCIA, Othon M. Os sentidos das palavras. In: *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 158. p. 155-67

HERINGER, V. *Diálogos em falência: o sagrado e o profano em Dom Casmurro*. Machado de Assis em linha, ano 3, n. 6, dez. 2010.

ILARI, Rodolfo. Implícito II. In: *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 92.

KOCH, Ingedore Villaça. Texto e contexto. In: *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Texto e contexto. In: *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1990.